

A CONCENTRAÇÃO DE MERCADO NO SETOR VINÍCOLA DO RIO GRANDE DO SUL (2004-2012)

*Paulo Henrique de Oliveira Hoeckel¹
Claílton Ataídes de Freitas²
Gabriel Nunes de Oliveira³*

Sessão Temática: Estudos setoriais, cadeias produtivas, sistemas locais de produção

Resumo

Este artigo tem por objetivo analisar o Sistema Agroindustrial vitivinícola do Rio Grande do Sul, estudar a sua dinâmica recente, a sua estrutura de mercado, com relação à concentração de mercado do setor vinícola, utilizando-se como aporte a teoria da Organização Industrial e da mensuração de índices de concentração. Para o cálculo dos índices de concentração $CR(4)$, $CR(8)$ e Hirschman-Herfindahl (HH), com base na comercialização de vinhos, foram utilizados dados oficiais do IBRAVIN. As estimativas dos índices de concentração $CR(4)$, $CR(8)$ e HH para o período analisado, indicaram uma baixa concentração de mercado do setor vinícola.

Palavras-chave: setor vinícola, índices de concentração, Rio Grande do Sul.

Abstract

This paper aims to analyze the wine Agroindustrial System of Rio Grande do Sul, study its recent momentum, its market structure with respect to the concentration of the wine industry market, using as input the theory of industrial organization and measurement of concentration indices. Were used IBRAVIN official data for the calculation of concentration indices $CR(4)$, $CR(8)$ and Herfindahl-Hirschman (HH), based on the marketing of wines. Estimates of concentration indices $CR(4)$, $CR(8)$ and HH for the period analyzed, indicated a low concentration of the market in wine sector.

Key words: wine sector, concentration indices, Rio Grande do Sul.

1. INTRODUÇÃO

A vitivinicultura ocupa um papel importante dentro do cenário agroindustrial do Rio Grande do Sul, sendo uma cultura em que o setor engloba uma população ligada direta e indiretamente à produção de uva, de aproximadamente, vinte mil famílias de agricultores e

¹Doutorando em Economia do PPGE/PUCRS. Mestre em Economia e Desenvolvimento (PPGE&D/UFSM). E-mail: ph.hoeckel@gmail.com.

²Doutor em Economia Aplicada (ESALQ/USP). Professor adjunto do Departamento de Economia e do Programa de Pós-Graduação em Economia e Desenvolvimento da Universidade Federal de Santa Maria (PPGE&D/UFSM). E-mail: prfeistel@yahoo.com.br.

³Mestre em Extensão Rural pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Diretor da Ambiental Projetos Execuções e consultor externo do Serviço Brasileiro de Apoio a Pequena e Micro Empresa. E-mail: ambientalgnu@uol.com.br.

com 731 vinícolas legalmente cadastradas, segundo o Instituto Brasileiro do Vinho (IBRAVIN) (2013).

A vitivinicultura brasileira está concentrada substancialmente no Rio Grande do Sul. Segundo a Academia do Vinho⁴, esse estado responde por aproximadamente 90% da produção de vinho brasileiro e abriga as principais entidades ligadas à busca por melhorias do vinho brasileiro, como a UVIBRA (União Brasileira de Vitivinicultura) e a ABE (Associação Brasileira de Enologia). Além disso, o Estado conta com, aproximadamente, vinte mil famílias de agricultores direta e indiretamente ligados à produção de uva.

No entanto, conforme apontado por Protas (2008), o setor vitivinícola gaúcho atravessa uma realidade conjuntural desfavorável devido à competição com os vinhos estrangeiros, cuja qualidade e baixo preço começam a ameaçar o mercado de vinhos de mesa no Brasil. Segundo dados do IBRAVIN, em 2009, o Brasil importou 59,13 milhões de litros de vinho, sendo o Chile e a Argentina os principais fornecedores, chegando a responder por 63,12% desse total. Nos anos de 2010 e 2011, as importações chegaram a 75,32 e 77,6 milhões de litros, respectivamente, sendo que esses dois países responderam por mais da metade das importações brasileiras.

Além disso, outros problemas afetam o desenvolvimento da vitivinicultura brasileira, a saber: o restrito consumo de vinho no mercado interno de, aproximadamente, dois litros per capita/ano⁵. Esse baixo consumo se deve aos fatores culturais, ao baixo poder aquisitivo do brasileiro e ao preço do vinho nacional, relativamente mais caro, vis-à-vis o importado.

Mesmo com o setor vitivinícola tendo grande importância em termos sociais e culturais para a economia gaúcha, os estudos realizados dentro do setor estão mais ligados à questões mais técnicas, como a qualidade do vinho e as melhores formas de produzi-lo, aos fatores enológicos, aos tipos de uvas usadas na produção e a dinâmica estrutural do setor. Além disso, existe também um número ainda limitado de estudos a respeito do dinamismo econômico, existindo uma carência de pesquisa destinada a analisar a concentração de mercado deste setor.

Neste sentido, a consecução da presente pesquisa busca contribuir com as análises deste setor, objetivando alavancar e incitar novos estudos econômicos que possam completar esta lacuna, para que seja possível compreender melhor a realidade desse setor no que se refere à concentração de mercado do setor vinícola do Rio Grande do Sul.

⁴Disponível em: <<http://www.academiadovinho.com.br>>. Acesso em: novembro de 2013.

⁵ Segundo dados da OIV, disponíveis em: <<http://www.oiv.int/oiv/cms/index>>. Acesso em: 1 jul. 2013.

No âmbito da presente pesquisa no Brasil, entre os estudos mais recentes e relevantes, relacionados ao setor vitivinícola, relacionado à proposta do presente artigo destacam-se Rosa (2001), Souza (2001) e Dias, Santos Junior e Padula (2008).

Rosa (2001) formula um modelo de análise da indústria, tendo como base o paradigma Estrutura-Condução-Desempenho (ECD). A autora estuda as variáveis desse modelo sob o aspecto do agronegócio e suas particularidades, considerando os impactos resultantes de choques externos à indústria. Para tanto, utilizou-se de um corte transversal no intuito de analisar o segmento produtor de vinhos finos do SAI vinícola do Rio Grande do Sul. O estudo resultou num modelo de gestão para fornecer subsídios ao processo de tomada de decisões gerenciais. A pesquisa apontou que os choques externos existem e estes afetam a estrutura, a condução e o desempenho, e a velocidade de ajustamentos do sistema a estes choques pode ser um elemento chave para definir a sua competitividade.

Souza (2001) aborda de forma crítica a cadeia produtiva dos vinhos finos do Estado do Rio Grande Sul, bem como descreve e identifica seus principais pontos fortes e fracos e as inter-relações entre os elos da referida cadeia. As principais constatações foram a carência de integração entre os elos da cadeia produtiva, o que compromete a competitividade da mesma, bem como, os elos que se constituem em pontos fracos.

Dias, Santos Junior e Padula (2008) analisam como o comportamento das forças de mercado, especificamente as importações e o consumo, influenciaram o desempenho das quantidades produzidas de vinho comum, vinho de viníferas, suco de uva e vinhos espumantes no período compreendido entre 1989 e 2006, sendo a análise baseada no paradigma ECD. Como resultados, os autores constataram que a estrutura de mercado exerce influência na condução e no desempenho.

Nesse sentido, a consecução da pesquisa avança com relação a esses trabalhos sob a perspectiva de analisar a concentração de mercado, verificando se existe concentração de mercado no setor vinícola do Rio Grande do Sul, dado que não se tem a priori nenhuma informação sobre tal questão. Além disso, busca-se contribuir para o melhor entendimento desse importante Sistema Agroindustrial⁶ (SAI) vitivinícola para a economia gaúcha, através do *approach* teórico da Organização Industrial. Assim, delinea-se como objetivos do presente artigo primeiro, estudar a dinâmica recente do setor vitivinícola do Rio Grande do Sul; segundo, analisar a estrutura de mercado do setor vinícola gaúcho, com relação à

⁶ De acordo com Batalha (1997) o Sistema Agroindustrial é o conjunto de atividades que concorrem para a produção de produtos agroindustriais, desde a produção dos insumos até a chegada do produto final ao consumidor.

concentração de mercado, mensurando índices de concentração para verificar a existência ou não de concentração de mercado.

Diante desse contexto, pode-se encerrar essa problemática com os seguintes questionamentos: Quais são as principais características e a dinâmica recente da vitivinicultura? Qual o nível e a tendência de concentração presente no setor vinícola?

Buscando responder tais questionamentos, o presente estudo está dividido em quatro seções, a saber: a primeira contempla os objetivos do estudo e a contextualização do problema de pesquisa; na segunda seção, é apresentado os fundamentos teóricos e metodológicos; a terceira seção traz a apresentação e análise dos resultados, quanto a dinâmica recente e aos resultados obtidos com a mensuração dos índices de concentração; na quarta e última seção, delinea-se a conclusão a respeito das discussões propostas e dos resultados obtidos.

2. REFERENCIAL TEÓRICO E METODOLÓGICO

2.1 Teoria da organização industrial

A Economia Industrial, ou Organização Industrial⁷, abriga uma grande diversidade de linhas de pensamento, que podem ser agregados em duas correntes principais, a abordagem tradicional (*mainstream*) e a abordagem alternativa (schumpeteriana/ institucionalista). Nesse sentido a Economia Industrial busca estudar as relações entre empresas, mercados, instituições e processos, tendo essa complexidade como cerne, sendo que o seu objetivo é o estudo do funcionamento real dos mercados (KUPFER; HASENCLEVER, 2002).

Segundo Scherer e Ross (1990) no campo da organização industrial busca-se verificar como os processos de mercado dirigem as atividades dos produtores ao encontro da demanda dos consumidores, como esses processos podem falhar, como se ajustam ou podem ser ajustados, de sorte ao alcançarem um desempenho, o mais próximo possível, de algum padrão ideal.

De acordo com Farina et al. (1997), o verdadeiro objetivo da organização industrial é determinar quais forças são responsáveis pela organização da indústria, como estas forças tem se alterado no tempo e que efeitos podem ser esperados de mudanças na forma de organização da indústria.

Assim se torna necessário, identificar todo um conjunto de atributos ou variáveis que influenciam o desempenho econômico da organização e detalhar as ligações entre estes

⁷Os termos Economia Industrial, oriundo da língua francesa, e Organização Industrial, oriundo da língua Inglesa, são indistintamente utilizados no Brasil para denominar a matéria Economia Industrial (KUPFER; HASENCLEVER, 2002).

atributos ou variáveis com o desempenho final (ROSA, 2001). No entanto existem problemas de informação (informações imperfeitas), complexidade organizacional e incerteza, os quais comprometem a hipótese fundamental de trabalho da Organização Industrial, de que o único objetivo da empresa é a maximização de lucros (FARINA et al., 1997; SCHERER; ROSS, 1990).

A Organização Industrial tradicional tem uma perspectiva estática. Entretanto, versões mais modernas da Organização Industrial procuram tratar as estruturas de mercado de forma endógena. Vários modelos têm explorado aspectos da empresa num contexto dinâmico (PORTER, 1981). Desta forma, se todo o sistema evolui constantemente em função de mudanças internas e externas a ele, os modelos da Organização Industrial permitem respostas mais completas e favoráveis em relação aos objetivos que são pretendidos. Desta forma, é possível analisar as relações industriais, tanto interna quanto externamente, dadas as condições de oferta e demanda ditadas pelo mercado.

Logo, para realizar a análise do SAI vitivinícola do Rio Grande do Sul, adota-se o enfoque teórico da Organização Industrial, com base na concentração industrial, utilizando-se de medidas de concentração (índices de concentração).

2.2 Concentração Industrial

A base teórica da concentração industrial é oriunda de estudos referentes à Organização Industrial. De acordo com Farina et al. (1997) o objetivo destes estudos era determinar quais as forças responsáveis pela organização da indústria, como estas forças se alteram ao longo do tempo e que efeitos podem ser esperados de mudanças na estrutura de uma indústria. Desta forma, estes estudos proporcionam o entendimento de como se apresentam organizadas as empresas de determinado setor, assim como o esclarecimento da adoção de determinadas ações que objetivam melhorar seu posicionamento no mercado.

Segundo Resende e Boff (2002) o mercado é pensado como um espaço abstrato no qual se definem preços e quantidades das mercadorias transacionadas por consumidores (demanda) e empresas (oferta). Em cada mercado vigora um dado padrão de concorrência definido a partir da interação entre as características estruturais dominantes e as condutas praticadas pelas empresas que nele atuam.

Bain (1968) afirma que a estrutura industrial se refere às características de organização que influenciam estrategicamente a natureza da competição e os preços dentro de determinado mercado, portanto, a estrutura refere-se à maneira como as empresas que integram uma indústria se organizam. Portanto existe a relação em que a estrutura de mercado é determinante do comportamento e, conseqüentemente, do desempenho das empresas. Sendo

que os determinantes da estrutura de mercado tendem a não sofrer alterações expressivas em curto espaço de tempo, desta forma, a estrutura é relativamente estável no curto prazo, mas pode se modificar em períodos mais longos devido à dinâmica das relações industriais.

Segundo Kon (1994) a concentração industrial é visualizada como um dos determinantes estruturais mais relevantes da competição, pois, de acordo com a teoria econômica neoclássica, uma indústria muito concentrada e constituída por um pequeno número de grandes firmas prejudica a competição pelo fato de que estas são encorajadas a agirem de forma interdependente no que diz respeito à tomada de decisão sobre preços, produção e outros assuntos. Assim, quanto mais elevada à concentração de mercado, menos competitivo ele tende a apresentar-se, uma vez que poucas empresas possuem uma parcela significativa do mercado.

Ainda conforme Kon (1994) a moderna teoria de empresas examina a concentração a partir de dois enfoques: a concentração global, que se refere à parcela de produção ou das vendas e a concentração de mercado, que diz respeito à parcela de mercado detido por um número relativamente pequeno de firmas em uma indústria ou em um mercado individual. A concentração de mercado pode ser analisada de maneira estática ou dinâmica, sendo que a concentração de mercado dinâmica mede a evolução da concentração no tempo a partir de indicadores (produção, vendas, etc) das firmas da indústria.

A análise da evolução da concentração em uma indústria permite avaliar os efeitos sobre a competição não apenas com relação ao número de firmas envolvidas e seu impacto sobre o nível de preços e produção, mas também sobre a desigualdade nos tamanhos das empresas, sobre a capacidade de inovação e sobre as barreiras à entrada de novas empresas (KON, 1994).

O poder de mercado virtual de uma empresa individual está relacionado com sua capacidade de controlar o preço de venda do produto. Mais particularmente, o poder de mercado de uma empresa se manifesta pela sua capacidade de fixar e sustentar o preço de venda em um nível acima daquele fixado pelas concorrentes, sem prejuízo para a sua participação no mercado (RESENDE; BOFF, 2002). Porém, de acordo com Kon (1994) além de proporcionar uma conduta interdependente das firmas em relação à produção e preços, a alta concentração também pode trazer consequências desfavoráveis para as empresas de um setor.

Segundo Porter (1999) as indústrias desenvolvem vantagens competitivas em nível global quando o próprio mercado interno é competitivo, ou seja, a falta de concorrência faz com que as empresas não busquem inovar e melhorar seus processos. Por outro lado, a alta

concentração também apresenta suas vantagens, pois pode proporcionar o crescimento das empresas até um tamanho considerável, resultando em um nível mais eficiente de produção a partir do ganho de economias de escala, que ocorrem, principalmente, pelo desenvolvimento tecnológico que gera menores custos e, em corolários, preços em níveis mais elevados.

Kon (1994) destaca que o aumento no nível de concentração pode ser proporcionado por uma série de fatores, dentre os quais estão: o crescimento interno das firmas existentes, que afeta e pode diferenciar o tamanho das mesmas; as fusões; o declínio do tamanho do mercado para um determinado produto, entre outros. Porém, existem fatores que podem proporcionar redução da concentração de mercado, entre eles estão: a entrada de novas firmas, o crescimento do tamanho do mercado, o fechamento de uma, ou mais, grandes empresas e o rápido crescimento de firmas médias ou menores e, a redução nos custos dos transportes, nacionais ou internacionais, e outras tarifas ou barreiras ao comércio.

A literatura sobre concentração industrial propõe algumas técnicas para sua análise. Essas são conhecidas como medidas de concentração que, de forma simplificada segundo, Resende e Boff (2002), têm por propósito fornecer um indicador sintético da concorrência existente em um mercado.

Desta forma, o poder de mercado assume forma aparente na participação no mercado da empresa, a razão entre sua oferta e a oferta total da indústria. Assim, uma maior concentração industrial implica maior desigualdade na repartição do mercado entre as empresas.

2.3 Medidas de concentração

O método utilizado no estudo consiste na mensuração da concentração de mercado. Para tal análise utilizam-se os índices de concentração, a razão de concentração e o índice de Hirschman-Herfindahl (*HH*), sendo estas medidas estimadas de forma dinâmica e sumária.

Segundo Resende e Boff (2002) a quantificação do componente estrutural, em termos de medidas sintéticas ainda encontra ampla utilização em Economia Industrial. As medidas de concentração pretendem captar de que forma agentes econômicos apresentam um comportamento dominante em determinado mercado e, nesse sentido, os diferentes indicadores consideram as participações no mercado dos agentes, segundo diferentes critérios de ponderação.

Ainda segundo Resende e Boff (2002) os índices de concentração pretendem fornecer um indicador sintético da concorrência existente em um determinado mercado. Quanto maior o valor da concentração, menor é o grau de concorrência entre as empresas, e mais concentrado estará o poder de mercado virtual da indústria. O padrão concorrencial vigente é

o resultado da ação dos produtores individuais (conduta), ao escolherem os níveis de preço ou as quantidades ofertadas, dadas as características específicas dos produtos fabricados, as preferências dos consumidores e as condições de acesso.

De acordo com Kon (1994) a mensuração da concentração fornece elementos empíricos que permitem avaliar a situação de competição em um mercado e serve também para comparações intertemporais que permitem examinar a dinâmica do mercado sob o ponto de vista da oferta. Assim, na avaliação da concentração é importante não só diagnosticar o mercado em um ponto específico do tempo, mas também analisar sua evolução temporal, para observar a sua dinâmica.

Desta forma o padrão concorrencial contribui para dar uma estrutura particular ao setor vitivinícola, como consequência do desempenho das empresas e dos resultados obtidos, ou seja, dados os recursos empregados, como consequência da maior ou menor eficiência produtiva alcançada e da maior ou menor eficiência gerencial obtida, os resultados obtidos pelas empresas conferem as, pelo seu lado, um determinado “poder de mercado” individual no seio do sistema agroindustrial, que o índice de concentração justamente captura, de uma forma sintética.

Com relação à mensuração dos índices de concentração, Kon (1994) afirma que, normalmente, são utilizados indicadores que seguem três critérios: a capacidade produtiva, o número de empregados e os ativos possuídos. A capacidade produtiva pode estar relacionada à quantidade física de produção, ou a valores monetários (valor das vendas, valor adicionado).

A metodologia de mensuração dos índices de concentração, apresentado a seguir, é baseada em Kon (1999) e Resende e Boff (2002) ⁸.

2.3.1 Razões de Concentração

A razão de concentração de ordem k é um índice positivo que fornece a parcela de mercado das k maiores empresas da indústria ($k = 1, 2, \dots, n$). Assim,

$$CR(k) = \sum_{i=1}^k s_i \quad (1)$$

em que s_i representa a parcela de mercado da empresa i .

Quanto maior o valor do índice, maior é o poder de mercado exercido pelas k maiores empresas. No presente estudo utiliza-se $k = 4$ e $k = 8$, isto é, considera-se apenas a participação das quatro ou das oito maiores empresas. As respectivas razões de concentração são conhecidas como $CR(4)$ e $CR(8)$.

⁸ A metodologia de especificação dos índices $CR(k)$ e HH é baseada em Kon (1999) e Resende e Boff (2002).

Para realizar a análise de tais índices, utiliza-se a classificação de mercados proposta por Bain (1968), que analisa a concentração de mercado utilizando-se das quatro maiores empresas do setor e, dessa forma, classifica os mercados em:

- $CR(4)$ igual ou superior a 75% : oligopólio altamente concentrado;
- $CR(4)$ entre 50% e 74%: oligopólio moderadamente concentrado;
- $CR(4)$ entre 25% e 49%: oligopólio pouco concentrado;
- $CR(4)$ inferior a 25%: atomístico.

2.3.2 Índice de Hirschman-Herfindahl (HH)

Trata-se do índice positivo definido por:

$$HH = \sum_{i=1}^n s_i^2 \quad (2)$$

Tal expressão pode ser reescrita como $\sum_{i=1}^n s_i (s_i)$, o que evidencia a estrutura de pesos implícita no índice HH , no qual eleva-se cada parcela de mercado ao quadrado para atribuir um peso maior às empresas relativamente maiores. Assim, quanto maior for HH , mais elevada será a concentração e, portanto, menor a concorrência entre os produtores.

O índice HH varia entre $1/n$ e 1. O limite superior do índice está associado ao caso extremo de *monopólio* no qual uma única empresa opera no mercado. O limite inferior decorre de que HH é uma função convexa definida no simplex $S_{n-1} = \{S \in [0, 1]^n : \sum_{i=1}^n S_i = 1\}$. Assim, o índice assume o valor mínimo $HH = 1/n$ para $s_1 = s_2 = \dots = s_n$, isto é, quando todas as empresas têm o mesmo tamanho ($s_1 = 1/n$). Temos então: $1/n \leq HH \leq 1$.

Com relação ao índice HH , conforme destacado anteriormente, de acordo com sua variação (entre $1/n$ e 1), é possível verificar o grau de concentração do mercado, pois quanto mais próximo estiver de $1/n$, menor a concentração; do contrário, quanto mais próximo de 1, mais concentrada apresenta-se a indústria.

Apesar da classificação anterior, deve-se salientar que o mais importante na análise de tais índices é a sua evolução temporal, ou seja, o seu caráter dinâmico, sendo estes em intervalos anuais (safra), tanto para o índice $CR(k)$ quanto o índice HH , pois estes terão maior representatividade quando analisada a sua evolução, de modo a observar-se a sua tendência.

2.4 Base e Fonte de Dados

Com base neste enfoque a variável utilizada para a construção dos indicadores de concentração é o volume comercializado de vinho fino e comum⁹ (em litros). As medidas de

⁹ Vinho fino de mesa ou viníferas (*VF*) - o vinho fino é elaborado a partir de variedades de uvas nobres (*Cabernet Sauvignon*, *Cabernet Franc*, *Pinot Noir*, *Merlot*, *Chardonnay*, *Riesling*, *Sauvignon Blanc*, etc.) da espécie europeia (*Vitis vinifera*); Vinho de mesa ou comum (*VM*) - vinho elaborado a partir de variedades de

concentração a serem estimadas são sumárias, ou seja, utiliza-se de dados sobre todas as empresas que estão legalmente em operação no estado do Rio Grande do Sul no período estudado.

Os dados utilizados para a construção dos índices de concentração de mercado são oriundos das declarações do cadastro vinícola¹⁰, o qual contempla todas as vinícolas legalmente cadastradas ao IBRAVIN. Assim a amostra é constituída de uma série do volume comercializado (vendas), em litros de vinho, compreendendo os anos safras de 2004 a 2012.

3. RESULTADOS E DISCUSSÕES

3.1 A vitivinicultura: uma análise da dinâmica recente

3.1.1 A vitivinicultura no Brasil: origem e evolução recente

A viticultura brasileira nasceu com a chegada dos colonizadores portugueses no século XVI, permanecendo como cultura doméstica até o final do século XIX. Torna-se uma atividade comercial a partir de 1875, por iniciativa dos imigrantes italianos estabelecidos no Sul do País (PROTAS; CAMARGO; MELLO, 2006).

Segundo Protas, Camargo e Mello (2006), a viticultura brasileira possui vinhedos estabelecidos desde o extremo sul do País até regiões situadas muito próximas à linha do equador. Em função da diversidade ambiental, existem polos com viticultura característica de regiões temperadas¹¹, com um período de repouso hibernal, polos em áreas subtropicais, onde a videira é cultivada com dois ciclos anuais, definidos em função de um período de temperaturas mais baixas, no qual há risco de geadas e polos de viticultura tropical, onde é possível a execução de podas sucessivas, com a realização de dois e meio a três ciclos vegetativos por ano. A área plantada com videiras no Brasil, em 2012, atingiu aproximadamente 82 mil hectares, de acordo com as estimativas do IBGE.

uvas comuns (*Concord, Herbemont, Isabel, Venus, Seyve Willard, Niágara*, etc.) de espécies americanas (*Vitis Labrusca, Vitis Rupestris*, etc.).

¹⁰ Disponibilizado pelo IBRAVIN para a consecução da pesquisa.

¹¹ Como zonas de viticultura temperada destacam-se as Regiões da Fronteira, Serra do Sudeste e Serra Gaúcha, no Estado do Rio Grande do Sul; a Região do Vale do Rio do Peixe, no Estado de Santa Catarina; a Região Sudeste do Estado de São Paulo e, a Região Sul do Estado de Minas Gerais. A Região Norte do Paraná é tipicamente subtropical. As Regiões Noroeste do Estado de São Paulo, Norte do Estado de Minas Gerais e Vale do Submédio São Francisco caracterizam-se como zonas tropicais. Além desses, novos polos produtores estão surgindo em diferentes regiões do País, seja sob condições temperadas (Região de São Joaquim, no Estado de Santa Catarina), tropicais (Santa Helena de, Goiás e Nova Mutum no Mato Grosso) ou subtropicais (Rolândia, Norte do Paraná) (PROTAS; CAMARGO; MELLO, 2006).

Atualmente, conforme Guerra et al. (2009), a vitivinicultura brasileira de vinhos finos¹² é desenvolvida como atividade economicamente importante nas Regiões Sul e Nordeste. Na Região Sul, colhe-se uma safra por ano, como na clássica viticultura mundial. Já no Nordeste, as colheitas se sucedem ao longo do ano. As diferentes regiões, com distintas características de clima, solo, variedades de uvas, sistemas de produção e de vinificação e envelhecimento, possibilitam a produção de vinhos com ampla diversidade de características, ou seja, com sabor e aroma peculiares. Esse conjunto de características constitui uma das qualidades da vitivinicultura brasileira atual. Os quatro estados brasileiros produtores de vinhos finos são o Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Pernambuco e Bahia.

De acordo com a Academia do Vinho, apesar da extensão de seu território, o Brasil não reúne as condições edafo-climáticas apropriadas à produção de vinhos de qualidade. O clima tropical do norte e o subtropical do centro-sul do país, com chuvas abundantes e temperaturas altas, não favorece o bom desenvolvimento das uvas viníferas. A maior parte da produção brasileira é de vinhos de mesa, feitos com uvas comuns ou americanas (mais de 80%).

Tabela 1 - Produção de uvas no Brasil (toneladas)

Estado\Ano	2007	2008	2009	2010	2011	2012
Rio Grande do Sul	705.228	776.027	737.363	692.692	829.589	840.251
Pernambuco	170.326	162.977	158.515	168.225	208.660	224.758
São Paulo	193.023	184.930	177.934	177.538	177.227	176.902
Santa Catarina	54.554	58.330	67.546	66.214	67.767	70.909
Paraná	99.180	101.500	102.080	101.900	105.000	70.500
Bahia	120.654	101.787	90.508	78.283	65.435	62.292
Minas Gerais	11.995	13.711	11.773	10.590	9.804	10.107
Brasil	1.354.960	1.399.262	1.345.719	1.295.442	1.463.481	1.455.809

Fonte: IBGE.

Com base na tabela 1, pode-se observar que, em 2010, houve redução na produção de uvas na maioria dos estados brasileiros, de aproximadamente 4%, em relação ao ano de 2009, refletindo os problemas vividos pelos produtores em 2010, com relação a fatores climáticos desfavoráveis, especialmente nas áreas de produção de uvas para vinhos. Em 2010, a maior redução percentual ocorreu na Bahia (-13,51%), seguida por Minas Gerais (-10,05%). Os estados da Região Sul: Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná, apresentam queda na produção de uva de 6,06%, 1,97% e 0,18%, respectivamente. Pernambuco foi o único estado

¹² No Brasil, mais de uma dezena de regiões produz vinhos finos e/ou vinhos de consumo corrente. Os vinhos finos são aqueles elaborados exclusivamente a partir de uvas de variedades européias (*Vitis vinifera*) (GUERRA et al., 2009).

que apresenta aumento da produção (6,13%), porém, este ainda não se recuperou em relação ao montante registrado em 2007.

Esse desempenho desfavorável na produção de uvas, de acordo com Mello (2013b), é reflexo, em parte, da perda do dinamismo das exportações brasileira de uva, devido à crise mundial; ao ingresso de novos concorrentes no mercado internacional de vinhos e aumento da renda per capita no Brasil, que favorece a demanda por vinhos importados.

Em 2011, é registrado um aumento de 12,97% na produção total de uvas no Brasil, em comparação com o ano anterior, com destaque para os Estados de Pernambuco e Rio Grande do Sul, os quais responderam pelo maior aumento na produção, respectivamente. No ano de 2012, houve redução de 0,5% no montante total de uvas produzidas.

Tabela 2 - Área plantada de videiras no Brasil, em hectares

Estado\Ano	2007	2008	2009	2010	2011	2012
Rio Grande do Sul	48.428	49.819	50.415	50.389	50.646	51.152
São Paulo	11.039	10.717	9.750	9.750	9.750	9.750
Pernambuco	7.137	7.083	7.104	8.801	6.963	6.813
Paraná	5.700	5.800	5.800	5.800	6.000	6.202
Santa Catarina	4.915	4.836	4.937	5.052	5.009	5.176
Bahia	4.096	4.376	3.724	3.273	2.762	2.624
Minas Gerais	878	911	854	853	785	762
Brasil	84.220	83.542	82.584	83.718	81.915	82.507

Fonte: IBGE.

Pode-se verificar, também, conforme tabela 2, que ao longo do período (2007-2012), não houve uma variação significativa nos padrões da área total plantada, podendo-se perceber uma pequena queda de 2,74% no ano de 2011, menor área plantada no período em análise. Cabe ressaltar que o Estado de Pernambuco, em 2010, teve sua área plantada ampliada em 23,89%, comparando com o ano anterior. No entanto, em 2011, a área diminuiu em 20,88%, ou 1.830 hectares de área plantada de videiras deixaram de existir. Na Bahia, em 2011, a redução é de 12,11%, chegando esta, na casa dos 15,61% no ano de 2011, comparado com o ano anterior. Pode-se observar, para os demais estados, que as áreas permaneceram inalteradas ou apresentaram pequena redução.

3.1.2 A vitivinicultura no Rio Grande do Sul

Os primeiros vitivinicultores em terras gaúchas foram os jesuítas, seguidos pelos açorianos. As correntes imigratórias do século XIX, com os alemães à frente, igualmente cultivaram a videira e produziram os vinhos, mas foi com os italianos que a vitivinicultura mais prosperou. Os vinhedos gaúchos, nos seus primórdios, foram organizados com

variedades européias e, a partir da segunda metade do século XIX, as variedades americanas (*Isabel, Herbemont*) foram substituindo as européias por sua facilidade de cultivo. Os italianos foram os que incrementaram o cultivo da uva e a produção de vinho (PAZ; BALDISSEROTTO, 1997).

Neste sentido, Protas e Camargo (2011) afirmam que a história da vitivinicultura do Rio Grande do Sul possui uma estreita relação com a colonização italiana estabelecida no estado, sobretudo na Serra Gaúcha e na região Central, a partir de 1875. Condicionada pelo isolamento, em relação às principais regiões vitivinícolas do mundo, e pressionada pelas condições ambientais, por vezes inóspitas à videira, principalmente das cultivares de *Vitis vinifera*, esta vitivinicultura pioneira se manteve até meados dos anos de 1970, sem investimentos externos significativos e produzindo, quase que exclusivamente, uvas e elaborando derivados a partir de variedades americanas e híbridas interespecíficas. Apesar disso, naquela ocasião, algumas vinícolas tradicionais da Serra Gaúcha já se empenhavam na produção de uvas viníferas e na elaboração de vinhos finos.

Com o aporte de empreendimentos estrangeiros, materializados na implantação de vinícolas de grupos empresariais vitivinicultores internacionais, na segunda metade da década de 1970, inicia-se na Região da Serra Gaúcha e, na sequência, na Região da Campanha, a consolidação de um novo segmento na vitivinicultura gaúcha, voltado à produção de vinhos finos e espumantes.

Com a globalização da economia brasileira, a partir dos anos 1980 e pressionada pela forte concorrência internacional, esta nova vitivinicultura, estabelecida numa base tecnológica moderna, diferentemente daquela tradicional (parte da Serra Gaúcha e Região Central), vem concentrando seus investimentos em regiões que apresentam vantagens comparativas relativamente àquela tradicional. Neste contexto, destacam-se como regiões já consolidadas: a Serra do Sudeste e a Campanha e, em fase inicial, mas com grande potencial, a Região dos Campos de Cima da Serra¹³ (PROTAS; CAMARGO, 2011).

O Rio Grande do Sul é o estado com condições climáticas mais favoráveis para a viticultura de qualidade, estando sua parte centro sul inserida na faixa teoricamente mais adequada para esse fim. Entretanto, o regime de chuvas reinante no estado é geralmente mais volumoso que o desejado, levando, por vezes, os vinhedos a um excesso de umidade, justamente no final da maturação das uvas. Apesar das adversidades, o Rio Grande do Sul responde por cerca de 90% da produção nacional do vinho, conforme já sinalizado. Assim, ao

¹³ Para mais informações sobre esta questão, ver Protas e Camargo (2011). Disponível em: <<http://www.ibravin.org.br/public/upload/downloads/1384347732.pdf>>. Acesso em: 11 nov. 2013.

analisar a dinâmica dessa produção, tem-se uma boa aproximação do desempenho da agroindústria vinícola do país como um todo.

A região produtora mais tradicional do estado é a Serra Gaúcha, lar dos imigrantes italianos e principal polo produtor de vinhos finos do país. A fria região da Campanha, na fronteira com o Uruguai, recebeu projetos multinacionais em 1980, passou por um declínio e hoje retomou sua produção. As regiões de exploração recente, Serra do Sudeste e Campos de Cima, apresentam resultados muito promissores na produção de vinhos de alta qualidade.

A tabela 3 apresenta a produção de vinhos finos e de mesa e de derivados do vinho do Rio Grande do Sul. Pode-se observar a redução na produção desses produtos ocorrida em 2010, já citada anteriormente. Comparando o ano de 2010 com o anterior, os vinhos de mesa (vinhos comuns) apresentaram queda de produção de cerca de 5% e os vinhos finos, redução de 30,20%. Este cenário mudou substancialmente no ano seguinte, já que a produção de vinhos de mesa aumentou, aproximadamente, 32%, enquanto que, para os vinhos finos, esse incremento supera os 85%. Apesar da produção oscilante verificada no período analisado, o ano safra de 2011 mostrou-se o mais favorável ao setor vitivinícola, no período analisado.

Tabela 3 - Elaboração de vinhos e derivados no Rio Grande do Sul (milhões de litros) - 2004 a 2012

Ano	Vinhos Viníferas	Vinhos comuns	Outros derivados*	Total
2004	42,96	313,7	51,87	408,53
2005	45,45	226,08	53,5	325,04
2006	32,12	185,08	59,13	276,33
2007	43,18	275,25	70,89	389,32
2008	47,33	287,44	93,19	427,97
2009	39,9	205,42	96,5	341,82
2010	27,85	195,25	98,96	321,21
2011	52,2	258,73	151,15	461,07
2012	48,60	213,10	167,28	428,98

*Da uva e do vinho

Fonte: IBRAVIN/MAPA/SEAPA-RS - Cadastro Vinícola¹⁴.

Com relação à comercialização do vinho, nota-se, conforme a tabela 4, retração de, aproximadamente, 2% no volume comercializado quando se compara 2011 com 2010. Apesar de no ano safra (2011) o montante comercializado de vinhos aumentar aproximadamente 7% em relação ao ano anterior, no último ano em análise, o montante comercializado diminuiu

¹⁴ IBRAVIN - Instituto Brasileiro do Vinho - estatistica@ibravin.org.br; SEAPA-RS - Secretaria da Agricultura, Pecuária e Agronegócio, disponível em: <http://www.agricultura.rs.gov.br/>; MAPA - Ministério da Agricultura Pecuária e Abastecimento – Superintendência Federal de Agricultura - RS - Serviço de Inspeção Vegetal, disponível em: <http://www.agricultura.gov.br/ministerio/sfa>. Acesso em novembro de 2013.

cerca de 10%. Estas informações retratam que a atividade vinícola conviveu no período analisado, com persistente oscilação no volume comercializado, devido à concorrência dos vinhos importados.

Tabela 4 - Comercialização de vinhos (finos e de mesa) das empresas do Rio Grande do Sul - milhões de litros

Ano	Vinhos finos	Vinhos de mesa	Total
2004	19,7	224,8	244,5
2005	21,9	270,8	292,7
2006	21,8	244,9	266,7
2007	20,0	225,8	245,8
2008	17,0	197,6	214,6
2009	18,0	222,1	240,1
2010	18,4	215,1	233,5
2011	19,5	230,0	249,5
2012	18,8	205,5	224,3

Fonte: IBRAVIN/MAPA/SEAPA - Cadastro Vinícola.

Outro produto que vem aumentando a sua participação dentro do setor vinícola é o suco de uva. Isso decorre da conjunção de três fatores, a saber: trata-se de um derivado da uva que possui um custo de produção menor vis-à-vis o vinho; tem importante agregação de valor, tornando-se atraente para os empresários, e tem grande aceitabilidade, tanto no mercado consumidor externo quanto no interno. No período analisado (2004-2012), o volume comercializado aumenta cerca de 76% e vem ganhando força, principalmente, no mercado interno, como pode ser observado na tabela 5.

Tabela 5 - Comercialização de sucos de uva - empresas do Rio Grande do Sul - Suco concentrado (Milhões de Kg)

Ano	Mercado Interno	Exportação	Total
2004	12	7,2	19,2
2005	16	7,3	23,2
2006	17,8	5,4	23,2
2007	19	6,5	25,5
2008	21,6	6	27,6
2009	26,3	5,6	31,8
2010	27,7	3,1	30,8
2011	30,6	4,3	34,9
2012	31,8	1,9	33,7

Fonte: IBRAVIN/MAPA/SEAPA-RS.

Em linhas gerais, esse setor já centenário no Brasil vem se modernizando e se adaptando aos constantes desafios apresentados pelo mercado, especialmente, à competição

dos vinhos chilenos e argentinos. Isso pode ser percebido através da busca de uma identidade para o vinho brasileiro, através da produção de vinhos de alta qualidade, como os que visam o mercado externo, onde o Brasil, tido como exótico nesse mercado, vem crescendo em volume e prestígio.

Mello (2013b) destaca que, no Rio Grande do Sul, os excedentes de uvas *Vitis vinifera*, em decorrência do aumento das importações de vinhos, estão sendo reduzidos através do Programa de Escoamento da Produção (PEP), ligado ao Governo Federal. Está havendo, ainda, um esforço para melhor qualificar a produção de vinhos, inclusive com o aumento de indicações geográficas delimitadas¹⁵.

3.1.3 A vitivinicultura brasileira no cenário internacional

No cenário internacional, de acordo com Mello (2013a), a vitivinicultura brasileira ocupou em 2011, o 19º lugar em área cultivada com uvas, o 11º em produção de uvas e o 13º em produção de vinhos, segundo dados da *Food and Agriculture Organization of the United Nations* (FAO). No que se refere às transações internacionais, dados da mesma fonte revelam as seguintes posições do Brasil, para o ano de 2010, em relação às quantidades: o 14º colocado com relação às uvas exportadas; 17º maior exportador de suco de uvas; 31º maior exportador de vinho; 32º maior importador de uvas e o 21º maior importador de vinhos.

A balança comercial do setor vitivinícola nacional (balanço das exportações e importações de uvas, sucos de uvas, vinhos e derivados) é apresentada na tabela 6. As exportações brasileiras do setor vitivinícola somaram aproximadamente, em 2012, 136 milhões de dólares, o que representa uma redução de 12,6% ao comparar-se com o ano de 2011, mas muito aquém das verificadas em 2008 (194,35 milhões de dólares). As exportações de uva de mesa, em 2012, situaram-se em cerca de 122 milhões de dólares, mostrando-se inferior ao ano de 2011, em 10,24%, e muito inferior ao volume exportado em 2008, aproximadamente 171 milhões de dólares.

Tabela 6 - Balanço das exportações e importações de uvas, sucos de uvas, vinhos e derivados: valores em US\$ 1.000,00 (FOB) – BRASIL – 2006/2012

Discriminação	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012
Exportações							
Uvas frescas	118.547	169.704	171.456	110.574	136.649	135.791	121.891
Suco de uva	8.368	12.207	15.174	12.621	8.048	15.737	7.719
Vinhos*	3.236	3.557	7.723	10.123	6.821	4.545	6.851
Total	130.151	185.468	194.353	133.318	151.518	156.073	136.461
Importações							

¹⁵ Para mais informações, ver Identidade Demarcada, em IBRAVIN (2013). Disponível em: <<http://www.ibravin.org.br/identidade-demarcada>>.

Uvas frescas	11.229	14.961	14.849	21.697	36.075	51.370	54.381
Uvas passas	24.889	24.447	34.973	32.648	50.664	51.647	56.696
Vinhos*	139.905	175.222	185.836	196.049	251.527	294.662	300.446
Suco de uva	1.587	1.403	226	60	3.212	720	670
Total	177.610	216.033	235.884	250.454	341.478	398.399	412.193
BALANÇO	-47.459	-30.565	-41.531	-117.136	-189.960	-242.326	-275.732

*Vinhos de uvas frescas, incluídos os vinhos enriquecidos com álcool; mostos de uvas, excluídos os da posição 2009¹⁶.

Fonte: Elaborada pelo autor com base em informações de MDIC/SECEX, Sistema ALICEWEB.

Em 2012, houve redução de quase 51% na quantidade de suco de uva exportado, em comparação ao ano anterior. Esta queda está associada, em parte, à redução na produção de uvas e ao aquecimento do mercado interno, sendo a maior parte do suco produzido comercializado no mercado interno, o qual tem sido mais atrativo nos últimos anos.

O volume exportado de vinhos apresentou bom desempenho em 2009, quando comparado aos demais anos da série, devido ao Prêmio de Escoamento da Produção do Governo Federal - PEP. Entretanto, as exportações recuaram no ano de 2010, em 32,62%. Apesar de as importações de uvas de mesa representarem uma pequena parcela da uva consumida no país, verifica-se um aumento significativo nos últimos anos. Em 2012, as importações chegaram a 54,38 milhões de dólares, representando um crescimento de 384,29% em relação ao período de análise (2006-2012). Também houve aumento nas importações de uvas passas que, em 2010, foi de 55,18%, em comparação com o ano anterior.

Nos segmentos de vinhos e suco, é possível diagnosticar que as importações se comportaram de maneira distinta ao longo do período considerado. Enquanto o volume de importações de vinho se apresenta ascendente, chegando a incrementar em 114,75%, as importações de suco de uva são eventuais e oscilantes.

A balança comercial do setor vitivinícola nacional (Tabela 6) apresenta, em 2010, déficit de 189,96 milhões de dólares, 62,17% superior ao verificado em 2009. Em 2011, as importações de quase todos os itens aumentaram, com exceção apenas do suco de uva que teve uma redução brusca, muito devido ao aumento da produção interna. Quanto às exportações, apenas o suco de uva experimentou incremento, os demais produtos como vinhos de mesa, vinhos espumantes e uvas frescas sofreram retração no volume exportado.

No ano de 2012, o déficit na balança comercial do setor vitivinícola atingiu a marca de 275,73 milhões de dólares. Isso é preocupante para um setor que tem no mercado interno o

¹⁶ Posição - SH 4 dígitos: 2009 (MDIC - Sistema ALICEWEB) - Sumos de frutas (incluídos os mostos de uvas) ou de produtos hortícolas, não fermentados, sem adição de álcool, com ou sem adição de açúcar ou de outros edulcorantes.

principal meio de circulação de seu produto, visto que, as importações de vinhos vêm crescendo consideravelmente, conforme já ressaltado.

A seguir, na tabela 7, são apresentados os principais países que possuem relação comercial com o Brasil no que se refere às importações de vinhos e espumantes.

Tabela 7 - Principais países de origem das importações brasileiras de vinhos e espumantes (milhões de litros)

Ano	Chile	Argentina	Itália	França	Portugal	Outros	Total
2004	11,2	11,2	7,2	2,8	4,2	2,5	39,2
2005	11,7	12,0	7,1	2,6	5,2	2,4	40,9
2006	15,2	13,7	9,4	3,7	6,0	3,0	50,9
2007	18,9	16,2	10,4	3,8	6,8	4,7	60,9
2008	18,7	15,4	10,8	3,5	6,3	3,2	57,9
2009	22,5	14,8	9,1	3,5	5,9	3,3	59,1
2010	26,5	18,1	13	4,3	8,1	5,4	75,3
2011	26,7	17,7	13,2	5,1	8,6	6,3	77,6
2012	30,3	15,6	11,6	5,0	9,8	7,2	79,5

Fonte: MDIC - Sistema ALICEWEB.

Como pode ser observado na tabela 7, o Brasil importa, em 2010, 75,3 milhões de litros de vinho, ou 27,38% superior ao ano anterior, sendo o Chile e Argentina os principais países de origem destas importações. Esses dois parceiros respondem por quase 60% do total importado. Em 2012, as importações chegam a 79,5 milhões de litros de vinho, sendo que o Chile e Argentina são responsáveis por 57,74% do total importado¹⁷.

Segundo Teruchkin (2007), houve redução das alíquotas de importação de vinhos a partir de 1988, a qual passa de 82,3%, no período 1980/87, para 19% no biênio 1994/95. A partir de 2000, essa alíquota foi fixada em 20% para as transações entre os países que compõem o MERCOSUL e 21,5 % nas transações com os demais países. Com relação à carga tributária incidente sobre o vinho, Bruch e Fensterseifer (2005) salientam que essa varia entre 36% e 56% do preço do vinho nacional, dependendo do valor do ICMS¹⁸ cobrado em cada estado. Esse custo tributário é muito alto, vis-à-vis, a tributação, em torno de 20%, incidente sobre o vinho produzido no Chile e Argentina, o que distorce a competitividade do vinho produzido no País, deixando-o em desvantagem em relação ao similar importado. Finalmente, tem-se o efeito negativo do câmbio que se manteve apreciado (considerando o período de

¹⁷ Segundo Mello (2013a), apesar de o vinho fino nacional ter melhorado em qualidade, de ter conquistado muitas medalhas no exterior e de ter ocupado espaço na mídia, não está conseguindo retomar a fatia de mercado perdida para os importados, sendo que em 2012 as importações de vinhos representaram 77,45% em relação aos vinhos *Vitis vinifera* comercializados no Brasil.

¹⁸ Imposto sobre Operações relativas à Circulação de Mercadorias e Prestação de Serviços de Transporte Interestadual e Intermunicipal e de Comunicação.

análise 2004-2012) de junho de 2004 a agosto de 2008, havendo depreciação cambial, em decorrência da crise financeira internacional, até junho de 2009. Após este curto período de depreciação cambial, o câmbio volta a apreciar-se a partir de julho de 2009, mantendo-se apreciado, em praticamente todo o ano de 2012, segundo dados da Funcex¹⁹. Essa conjunção de elementos obriga as vinícolas brasileiras a atuarem em um cenário desfavorável aos investimentos.

Assim, este resultado negativo do saldo comercial é um reflexo dos problemas internos inerentes ao SAI vitivinícola, como alta carga tributária incidente sobre o setor como um todo, do reduzido imposto sobre a importação de vinhos e da taxa de câmbio apreciada.

3.2 Análise da concentração de mercado

As estimativas dos índices de concentração foram realizadas com base no valor da quantidade de vinho comercializado, por parte de cada uma das vinícolas constituintes do cadastro vinícola. Para tais foram calculados os índices de concentração Herfindahl-Hirschman (*HH*) e as razões de concentração para as quatro e para as oito maiores empresas do setor, *CR(4)* e *CR(8)* respectivamente. Os índices de concentração de mercado estimados do setor vinícola desta forma são classificados como sumários e dinâmicos. Os resultados referentes aos índices de concentração com base na quantidade comercializada são apresentados na tabela 8.

Tabela 8. Índices de Concentração - quantidade de vinho comercializado (em litros).

Índices/Ano	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012
CR(4)	24,56%	22,90%	20,32%	24,42%	25,16%	24,92%	20,12%	22,30%	23,67%
CR(8)	37,67%	35,48%	30,40%	36,73%	39,38%	37,34%	33,66%	36,47%	38,48%
HH	2,62%	2,61%	2,07%	2,64%	2,72%	2,74%	2,18%	2,40%	2,78%

Fonte: Elaborado pelos autores.

Com base na tabela 8, pode-se verificar, que tanto para o índice *CR(4)*, quanto para o *CR(8)* durante o período estudado a concentração de mercado é baixa, ou seja, o setor vinícola é pouco concentrado. Esses índices estão indicando que as maiores empresas deste setor não possuem uma parcela de mercado acentuado, sendo que para o *CR(4)* a parcela mais alta foi evidenciada no ano/safra 2008, chegando a casa de 25,16%, sendo assim, segundo a classificação dos mercados adotada por Bain (1968), um mercado de oligopólio pouco concentrado. Para os demais anos o índice indicou tal mercado como atomístico. O índice *CR(8)* teve a maior parcela de mercado por parte das oito maiores empresas, também, no ano/safra de 2008, chegando a uma parcela de mercado igual a 39,38%.

¹⁹ Taxa de Câmbio Real - em relação a cesta de 13 moedas (deflator: IPC/FGV) – (Funcex, a partir de dados do Bacen, FGV e IFS/IMF). Disponível em: < <http://www.funcex.org.br/>>. Acesso em: 7 fev. 2013.

O índice *HH* se mostrou baixo durante todo o período analisado, o resultado demonstra, durante todo o período analisado, um índice próximo a $1/n$, indicando menor concentração e, portanto, a existência de uma maior concorrência entre os produtores vinícolas.

Os três índices apresentados na tabela 8, apresentam uma tendência de desconcentração do período de 2004 até 2006, onde passam a ter uma tendência de concentração, porém nos anos/safra de 2009 e 2010 os índices *CR(4)* e *CR(8)*, voltam a diminuir com relação ao período anterior. A partir de 2011 se tem uma nova tendência de concentração. Tais resultados podem ser visualizados de forma mais nítida na figura 1.

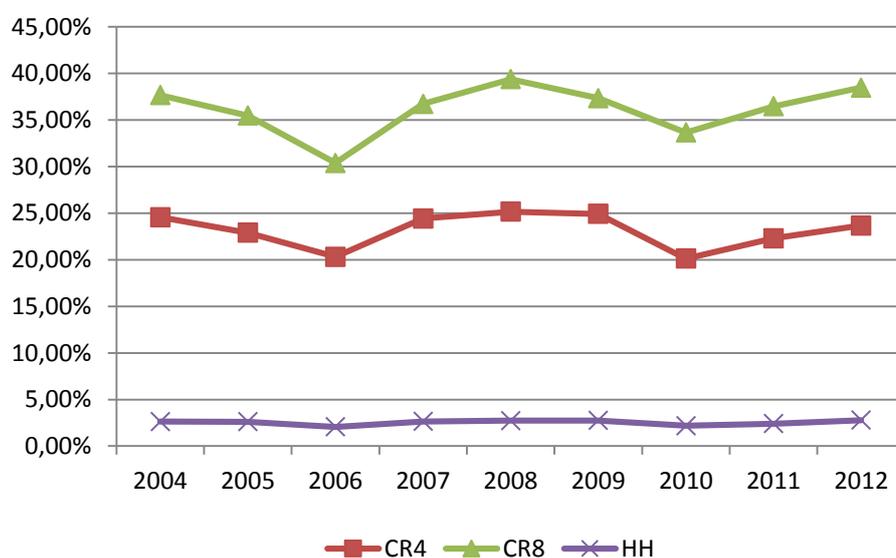


Figura 1. Índices de Concentração - Quantidade de vinho comercializado (em litros)
Fonte: Elaborado pelos autores.

De modo geral, as estimativas dos índices de concentração *CR(4)*, *CR(8)* e *HH* realizadas com base no valores da quantidade de vinho comercializado, indicaram uma baixa concentração de mercado. Desta forma, de acordo com a literatura estudada, o mercado vitivinícola tende a apresentar-se mais competitivo, uma vez que poucas empresas não possuem uma parcela significativa do mercado.

4. CONCLUSÕES

A consecução do presente trabalho buscou contribuir para o melhor entendimento do SAI vitivinícola, através da abordagem teórica da Organização Industrial. Diante disso, delineou-se como objetivo analisar a dinâmica recente do setor vitivinícola, analisar o setor

vinícola do Rio Grande do Sul, quanto a sua estrutura de mercado, com relação à concentração deste.

De modo geral, diagnosticou a importância da vitivinicultura sob diversos ângulos, a saber: cultural; de sustentabilidade da pequena propriedade no Rio Grande do Sul e do desenvolvimento econômico regional através da geração de empregos diretos e indiretos. Cabe ressaltar, também, que esse setor vem buscando se modernizar e enfrentar os constantes desafios apresentados pelo mercado, especialmente, à competição dos vinhos chilenos e argentinos, com melhor relação qualidade-preço.

O resultado do saldo comercial brasileiro demonstrou-se negativo, devido a problemas internos inerentes ao SAI vitivinícola, muito também devido à pequena carga de tarifa que incorre sobre a importação de vinhos, outros fatores importantes são a redução das alíquotas de importação, ocorrida após a abertura comercial do Brasil, a taxa de câmbio apreciada e alta carga tributária incidente sobre o principal produto do setor (vinho). Assim, este conjunto de questões onera pesadamente o setor e faz com que as empresas tenham que concorrer em um ambiente adversos aos investimentos. Isso exige que as vinícolas invistam sempre em melhorias da qualidade do seu produto final, busque nicho de mercado e promova redução dos custos de produção. Essa conjunção de fatores têm possibilitado a sobrevivência das vinícolas brasileiras, mesmo diante da severa competição internacional.

Com relação à concentração de mercado, as estimativas dos índices de concentração $CR(4)$, $CR(8)$ e HH , realizadas com base nos valores da quantidade de vinho comercializados, indicaram uma baixa concentração de mercado, no período analisado, podendo, desta forma, caracterizar o mercado vitivinícola como competitivo.

Por fim, dada à baixa concentração de mercado do setor vitivinícola, as indústrias, ou empresas, pertencentes a este desenvolvem vantagens competitivas em nível global, haja visto que o próprio mercado interno é competitivo, ou seja, devido à existência de concorrência neste mercado as empresas buscam inovar e melhorar os seus processos produtivos.

Considerando a importância de estudos ditos de cunho econômico para o SAI vitivinícola do Rio Grande do Sul, cabe ressaltar que muitos estudos empíricos podem ser realizados com o aporte teórico da Organização Industrial, dada a lacuna em aberto que ainda existe quanto a estudos desta natureza. Assim, fica o desafio de realizar estudos complementares a este, e do acompanhamento da evolução das unidades produtivas vitivinícolas, para que se tenha um aprofundamento teórico e também torne-se possível ampliar o entendimento cenário econômico vitivinícola gaúcho e nacional.

REFERÊNCIAS

ACADEMIA DO VINHO. Disponível em: <<http://www.academiadovinho.com.br>>. Acesso em novembro de 2013.

BAIN, J. S. **Industrial organization**. New York: John Wiley, 1968.

BATALHA, M. O. Sistemas Agroindustriais: Definições e Correntes Metodológicas. In: BATALHA, M. O. (coord.). **Gestão Agroindustrial**, São Paulo: Atlas, v. 1, p. 23-48, 1997.

BRUCH, L. B.; FENSTERSEIFER, J. E. Análise da tributação incidente na cadeia produtiva do vinho brasileiro. In: XLIII Congresso da Sociedade Brasileira de Economia e Sociologia Rural, SOBER, Ribeirão Preto, 2005. **Anais...** Disponível em: <<http://www.sober.org.br/palestra/2/392.pdf>>. Acesso em: 15 dez. 2013.

DIAS, M. F. P.; SANTOS JUNIOR, S.; PADULA, A. D. Estrutura Conduta e Desempenho da produção das vinícolas gaúchas: período 1989 a 2006. In: Anais... XLVI SOBER. Rio Branco, 2008.

FARINA, E. M. M. Q.; AZEVEDO, P. F.; SAES, M. S. M. **Competitividade: Mercado, Estado e Organização**. São Paulo: Editora Singular, 1997.

FAO (Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura). Disponível em <https://www.fao.org.br/>. Acesso em novembro de 2013.

FUNCEX. Fundação Centro de Estudos de Comércio Exterior. Disponível em: <<http://www.funce.org.br/>>. Base de Dados. Acesso em: 7 fev. 2013.

GUERRA, C. C; MANDELLI, F.; TONIETTO, J.; ZANUS, M. C.; CAMARGO, U. A. Conhecendo o essencial sobre uvas e vinhos. Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária, Embrapa Uva e Vinho: Documentos nº 48. Bento Gonçalves, 2009. Disponível em: <<http://www.cnpuv.embrapa.br/publica/documentos/doc048.pdf>>. Acesso em: 4 nov. 2013.

IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística). Disponível em <http://www.ibge.gov.br>. Acesso em dezembro de 2013.

IBRAVIN (Instituto Brasileiro do Vinho). Disponível em: <<http://www.ibravin.org.br>>. Acesso em novembro de 2013.

KON, A. **Economia industrial**. São Paulo: Nobel, 1994.

KUPFER, D.; HASENCLEVER, L. **Economia Industrial: fundamentos teóricos e práticos no Brasil**. Rio de Janeiro, Elsevier, 2002.

MAPA (Ministério da Agricultura Pecuária e Abastecimento – Superintendência Federal de Agricultura - RS - Serviço de Inspeção Vegetal). Disponível em: <<http://www.agricultura.gov.br/ministerio/sfa>>. Acesso em: 4 nov. 2013.

MDIC (Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior). Sistema de Análise das Informações de Comércio Exterior (AliceWeb). Disponível em <<http://aliceweb2.mdic.gov.br>>. Acesso em: 4 nov. 2013.

MELLO, L. M. R. Atuação do Brasil no mercado vitivinícola mundial - panorama 2012. Bento Gonçalves, RS. Comunicado Técnico 138 Embrapa, 2013a. Disponível em: <<http://www.cnpuv.embrapa.br/publica/comunicado/cot138.pdf>>. Acesso em: 8 ago. 2013.

MELLO, L. M. R. Vitivinicultura brasileira: panorama 2012. Bento Gonçalves, RS. Comunicado Técnico 137 Embrapa, 2013b. Disponível em: <<http://www.cnpuv.embrapa.br/publica/comunicado/cot137.pdf>>. Acesso em: 8 ago. 2013.

OIV (Organização Internacional da Vinha e do Vinho). Disponível em <http://www.oiv.int/oiv/cms/index>. Acesso em dezembro de 2013.

PAZ, I. N.; BALDISSEROTTO, I. A Estação do vinho: A história da estação experimental de viticultura e enologia: 1921-1990. **Cadernos de Pesquisa**. Caxias do Sul, Universidade de Caxias do Sul: v. 5, n. 3. 1997, p. 55-78.

PORTER, M. E. The contributions of industrial organization to strategic management. **Academy of Management Review**. 6, v. 6, n. 4, p. 609-620, 1981.

PORTER. **Competição = on competition**: estratégias competitivas essenciais. 8ªed. Rio de Janeiro: Campus, 1999.

PROTAS, J. F. **A produção de vinhos finos: um flash do desafio brasileiro**. Artigos Técnicos. Site Embrapa. 2008. Disponível em: <http://www.cnpuv.embrapa.br/publica/artigos/producao_vinhos_desafio.pdf>. Acesso em outubro de 2013.

PROTAS, J. F. S.; CAMARGO, U. A. **Vitivinicultura brasileira: panorama setorial de 2010**. Brasília, DF: SEBRAE; Bento Gonçalves: IBRAVIN e Embrapa Uva e Vinho, 2011.

PROTAS, J. F. S.; CAMARGO, U. A.; MELLO, L. M. R. Vitivinicultura brasileira: regiões tradicionais e pólos emergentes. In: Informe Agropecuário, EPAMIG, Belo Horizonte, MG, v. 27, n. 234, 2006.

RESENDE, M.; BOFF, H. Concentração Industrial. In: KUPFER, D.; HASENCLEVER, L. (Org.). **Economia Industrial: fundamentos teóricos e práticos no Brasil**. Rio de Janeiro: Elsevier, 9ª Tiragem, 2002. cap.4, p. 73-90.

ROSA, L. C. **Contribuição metodológica para análise estrutural de sistemas agroindustriais: um estudo do segmento produtor de vinhos finos do Rio Grande do Sul**. Florianópolis, 2001. 179 p. Tese (Doutorado em Engenharia de Produção) Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção, UFSC, 2001.

SCHERER, F. M.; ROSS, D. **Industrial market structure and economic performance**. Boston: Houghton Mifflin Company, 1990. 713 p.

SEAPA - RS (Secretaria da Agricultura, Pecuária e Agronegócio). Disponível em: <<http://www.agricultura.rs.gov.br>>. Acesso em: 4 nov. 2013.

SOUZA, S. O. **Desenho e análise da cadeia produtiva dos vinhos finos da Serra Gaúcha**. Porto Alegre, 2001. 183 p. Dissertação (Mestrado em Engenharia) Escola de Engenharia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

TERUCHKIN, S. R. U. Os reflexos da Globalização e do MERCOSUL sobre as empresas de vinho do Brasil e do Uruguai: Uma pesquisa explanatória, **Revista de administração**, 2007, v.39, n. 1, p. 87-95.

UVIBRA (União Brasileira de Vitivinicultura). Disponível em <http://www.uvibra.com.br/>. Acesso em dezembro de 2013.